



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

## **O PAPEL DA ESCOLA NO PROCESSO DE AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

*Débora Ribeiro de Sousa (Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão)  
deboraribeirodesousa91@gmail.com*

### **RESUMO**

A história da população negra no Brasil é marcada pela negação de direitos básicos, discriminações, mas também por lutas, resistências e conquistas. O Brasil é o segundo país que abriga a maior população de afro-brasileiros e mesmo com esse índice, esses sujeitos têm sido marginalizados, excluídos social e culturalmente, fato este, inscrito num longo processo histórico que procura construir ideologicamente uma suposta inferioridade de pessoas negras. No campo educacional, a relação desigual entre negros e brancos está bastante presente, e os seus reflexos podem ser vistos quando analisados os índices de acesso, permanência e reprovação de crianças, adolescentes e jovens afro-brasileiros. Diante dessas situações, construir a identidade negra de forma positiva tem sido um grande desafio, tornando-se, sobretudo, um ato político. Este trabalho teve como objetivo analisar a forma como a escola aborda a identidade afro-brasileira nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como verificar a contribuição da escola no processo de combate às desigualdades étnico-raciais. Também objetiva analisar como os professores trabalham o ensino da história e cultura afro-brasileira nas salas de aula. Portanto, procuramos nesta pesquisa, realizar uma iniciação científica no campo da etnografia. As técnicas utilizadas para coleta de dados foram a observação, seguida de registros em diário de campo, além de entrevistas semiestruturadas. O universo da pesquisa foi uma escola da rede municipal de Imperatriz, Maranhão, e as observações aconteceram no período matutino, nas turmas do 1º, ao 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, durante os meses de Setembro a Novembro de 2017. Autores como Munanga (2004), Cruz (2009), Santos (2005), André (2005) embasaram o estudo. Também foi de suma importância o respaldo na Lei nº 10.639 de janeiro de 2003, bem como a Lei nº 11.645 de março de 2008, além das Diretrizes Curriculares Nacionais, voltadas para as Relações Étnico-raciais (BRASIL, 2013). Verificamos por meio desta pesquisa que, o cotidiano educacional foi apresentado a nós como espaço de muitos conflitos a serem superados no que diz respeito a afirmação da identidade afro-brasileira de meninos e meninas que nele estão inseridos. Nessa perspectiva, este trabalho constitui-se como um passo inicial em nossa trajetória de pesquisa do espaço escolar sobre as análises das atuais relações étnico-raciais no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Escola. Identidade. Racismo.



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

## **1 INTRODUÇÃO**

O racismo é uma chaga social presente no contexto brasileiro, e continua sendo elemento constitutivo das desigualdades sociais e da discriminação racial, o que sugere uma continuidade de ações empreendidas rumo à sua superação. Desta forma, Gomes destaca que:

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: a cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referentes aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. (GOMES, 2005, p. 52).

Além da exclusão social que o racismo produz ele é responsável, também, pela baixa autoestima de pessoas negras, tornando-se prejudicial na construção da identidade negra de forma positiva na sociedade. Diante desse fato, a sociedade civil tem um importante papel na luta contra essas práticas racistas. Silva afirma que essa luta é um dos caminhos para garantir a qualidade de vida dos afro-brasileiros:

A luta antirracismo, portanto, é uma exigência da modernidade, a única condição possível para garantir qualidade de vida à população brasileira, especialmente aos descendentes de africanos vitimizados pela colonização, pela escravidão e pelas políticas de imigração, responsáveis pela sua exclusão da vida social do país após abolição (2010, p. 120).

Um dos ambientes onde a discriminação racial está presente, é a escola. Para Gomes (2005) a discriminação racial é “[...] a prática do racismo e a efetivação do preconceito.” Nesse contexto, construir a identidade negra de forma positiva tem sido um grande desafio, tornando-se sobretudo um ato político. Portanto, é preciso ir contra um processo histórico que foi construído ao longo de séculos.

Dessa forma, acredita-se que a escola, lugar privilegiado para a formação do pensamento crítico, do respeito à diversidade cultural, deve ser aliada no processo de desconstrução de estereótipos e possibilitar a construção de uma identidade afro-brasileira positiva, a começar pelas crianças que já se encontram inseridas neste ambiente educacional, desde a educação infantil, sendo fortalecida nos anos subsequentes de escolaridade.

Procuramos, nesta pesquisa, realizar uma iniciação científica no campo da etnografia. As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram a observação e entrevista semiestruturada. O universo da pesquisa foi uma escola da rede municipal de Imperatriz, localizada na região periférica da cidade. Sua escolha se deu devido ao alto índice de crianças negras que fazem



# XII

ENCONTRO  
MARANHENSE DE  
HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

## 21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

parte do seu corpo discente. As observações aconteceram no período matutino, nas turmas do 1º, 2º, 3º e 5º ano dos anos iniciais. Com o intuito de conhecer a realidade do ambiente, a fim de verificar o cotidiano da instituição.

## **2 UM OLHAR PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DO PAPEL DOCENTE**

A sala de aula é um ambiente plural, configurando-se neste espaço, conflitos de caráter étnico-racial, entre outros. As crianças negras, por vezes ficam mais vulneráveis a esses conflitos devido ao fato da não aceitação de seu pertencimento étnico, suas características fenotípicas, o que atrai a construção pejorativa de apelidos e até mesmo um tratamento diferenciado por parte de professores/as e colegas.

No cotidiano escolar, a discriminação racial e o preconceito intensificam-se, sendo expressos de diversas formas, entre elas, o silêncio, o que contribui para o fortalecimento da violência racial, além de prejudicar, em muitas vezes a aprendizagem e a permanência das crianças negras na escola. Entre os males do racismo reforçado no espaço escolar, encontra-se a não contribuição da escola no processo de construção da identidade afro-brasileira de forma positiva para as crianças.

Para realização desta pesquisa, previamente foi realizado um levantamento bibliográfico, afim de buscar autores que proporcionasse um embasamento teórico acerca da temática. No processo de conhecimento do interior da escola e suas relações, concordamos com André, quando esta destaca que olhar além da realidade significa:

[...] colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem o seu dia a dia, apreendendo as forças que impulsionam ou que a retêm, identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar e compreendendo o papel e a atuação de cada sujeito nesse complexo interacional onde ações, relações, conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificados (ANDRÉ, 2005, p. 34).

Procuramos uma introdução no campo etnográfico e suas orientações metodológicas. Para André (2005, p. 24) “A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Gil (2010, p. 40) afirma que “a pesquisa etnográfica tem como propósito o estudo das pessoas em seu próprio ambiente mediante a utilização de procedimentos como entrevistas em profundidade e observação participante.”



# XII

ENCONTRO  
MARANHENSE DE  
HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

## 21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

Desta forma, entende-se que a etnografia é pautada no contato direto com o objeto pesquisado, e é por meio desse contato que pode ser observado a ações dos indivíduos, conhecendo os símbolos que se apresentam nesse meio, de forma a possibilitar uma compreensão do senso comum. Neste sentido, para esta pesquisa, a etnografia teve como finalidade a busca da

[...] formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem. Para isso faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade. (ANDRÉ, 2005, p.25).

Foram utilizadas várias técnicas para a coleta de dados, no entanto, a principal, foi a observação participante. A observação participante como uma técnica de coleta de dados, requer do pesquisador a presença constante no ambiente da pesquisa. Gil destaca que:

A observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. Assim, as informações que obtém dependem do comportamento do pesquisador e das relações que desenvolvem com o grupo estudado. Sua integração plena ao grupo, no entanto, é improvável, pois sempre pairará sobre ele uma atmosfera de curiosidade ou mesmo de desconfiança (GIL, 2010, p. 129).

As experiências vivenciadas no ambiente da pesquisa ocorreram entre os meses de setembro a novembro de 2017. Durante esses meses, foi possível transformar o contato em uma relação de convivência, aproximando-nos de uma maior compreensão das linguagens encontradas no ambiente da escola pesquisada. A instituição, está situada em uma das áreas periféricas da cidade, com problemas de infraestrutura, além de altos índices de violência e criminalidade.

A escola oferece os anos iniciais do Ensino Fundamental, que corresponde do 1º ao 5º ano e atende a 240 crianças nos dois turnos, e estas com idade média entre 06 a 11 anos. O quadro docente e profissional que compõe esta escola durante o turno matutino, escolhido para a pesquisa, é constituído da seguinte forma, a partir de informações que julgamos pertinente para a pesquisa:

Nome	Gênero	Pertencimento étnico-racial	Formação	Função	Anos de Exercício Profissional
P1	Feminino	Negra	Magistério	Professora	21 anos
P2	Feminino	Branca	Pedagogia	Professora	18 anos



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

P3	Feminino	Negra	Pedagogia	Professora	19 anos
P4	Feminino	Negra	Pedagogia	Professora	28 anos
P5	Feminino	Negra	Magistério	Professora	26 anos
P6	Feminino	Negra	Especialização	Prof. AEE	10 anos
P7	Feminino	Branca	Pedagogia	Coordenadora	20 anos
P8	Feminino	Branca	Pedagogia	Gestora	24 anos
P9	Feminino	Negra	Ensino Médio	Cuidadora	3 anos
P10	Feminino	Branca	Pedagogia	Cuidadora	3 anos
P11	Feminino	Branca	Ensino Médio	Zeladora	4 anos
P12	Masculino	Negro	Ensino Médio	Merendeiro	3 anos

No que se refere à formação do quadro docente, observamos, que a formação inicial e/ou continuada destas profissionais, não lhes permitiu capacitação voltada para atuação consciente em relação às questões étnico-raciais no ambiente escolar. Destaca-se que só a partir de 2003 surgiu a lei voltada para a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africanas na sala de aula.

Em entrevistas, foi possível confirmar, que de forma unânime, estas professoras não tiveram em sua formação inicial nenhuma temática ou disciplina voltadas para a questão da inclusão étnico-racial. Diante da pergunta sobre a presença de alguma disciplina ou conteúdos voltados para a inclusão étnico-racial de negros na educação, as professoras responderam:

*P1: “Não. Já tem muito tempo, eu não lembro de conteúdo ou disciplina”.*

*P2: “Eu não lembro de nenhum conteúdo ou disciplina durante a minha formação, até porque tem muito tempo, né?”*

*P3: “Não.”*

*P4: “Não lembro no momento, faz muito tempo mesmo.”*

Para Munanga, a falta de formação inicial e/ou continuada voltada para as relações étnico-raciais é um dos fatores que tem tornado um grande desafio lidar com as questões diárias de discriminação racial nas salas de aula. É emblemática a denúncia que o autor faz:

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação



# XII

ENCONTRO  
MARANHENSE DE  
HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

## 21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional (MUNANGA, 2005, p. 15).

Desta forma, percebe-se que os professores ainda não se encontram preparados para trabalharem o ensino de história e cultura afro-brasileira nas salas de aula, de forma que desperte nos alunos, negros e brancos o respeito à diversidade cultural, a igualdade e o sentimento positivo de pertencimento étnico-racial para as crianças negras.

Diante dessas questões, podemos inferir que, mesmo com a obrigatoriedade, imposta pela lei, professores, gestores ainda não tem fomentando esse processo educativo em busca do respeito à diversidade, e à redução das desigualdades no ambiente escolar.

### *2.1.1.1 A construção da identidade afro-brasileira e o papel do professor*

A identidade de uma pessoa ou de um grupo é parte intrínseca de sua história. Para Goffman (1998) a identidade se caracteriza por três dimensões: a social, a pessoal e a do eu. Munanga (2012, p.4) destaca que “O conceito de identidade evoca sempre os conceitos de diversidade, isto é, de cidadania, raça, etnia, gênero, sexo, etc.”. Cruz ainda afirma que “O conceito de identidade também se caracteriza pelo seu aspecto histórico, uma vez que em cada tempo, novas relações de semelhanças e diferenças entre grupos sociais se estabelecem.” (2011, p. 98).

Ao se tratar da identidade, a população negra, é a que tem sofrido maior impacto na construção, ou na afirmação de sua identificação como negro, visto que, a imagem negativa associada à esses povos, possuem raízes em um longo processo histórico de dominação e de classificação racial, o que dificulta, a construção, aceitação e valorização da identidade negra.

Para Munanga,

[...] nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela má percepção que os outros tem dela, ou seja, uma pessoa ou um grupo de pessoas pode sofrer um prejuízo ou uma deformação real se as pessoas ou sociedade que os rodeiam lhes devolverem uma imagem limitada, depreciativa ou desprezível deles mesmos (2012, p. 6).

Essa forma de pensar ou de ver o negro de modo negativo construído ao longo dos anos, tem refletido nas práticas discriminatórias e na exclusão social, presentes no ambiente escolar. Observa-se que esses fatos ocorrem a longos anos, onde foi construído um discurso estético,



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

baseado no padrão de beleza eurocêntrico imposto socialmente, que exclui todos os outros sujeitos que se apresentam fora deste modelo.

Diante disso, construir a identidade negra de forma positiva na sociedade brasileira não tem sido fácil. São inúmeras barreiras, sendo elas a percepção do eu que o sujeito tem de si, a inferiorização das características fenotípicas que lhes são inerentes, a falta de conhecimento de referências biográficas positivas referentes às lutas e conquistas realizadas pelos povos africanos e afro-brasileiro.

A carência de referências históricas positivas sobre os negros, ao longo da configuração da nação brasileira, combinado à constante negação dos valores e padrões africanos, tem produzido por parte dos negros a construção da baixo auto estima (CRUZ, 2011, p. 100).

A educação, por ser um dos principais meios de transformação e formação da sociedade, deve ser capaz de permitir uma conscientização crítica do indivíduo, proporcionando uma atuação dentro da sociedade voltada para a alteridade. Sendo assim, podemos afirmar que é:

[...] papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias (BRASIL, 2004, p. 7).

A escola, enquanto instituição formadora, é um dos ambientes que pode e deve possibilitar a construção positiva da identidade negra. No entanto, é perceptível que as instituições escolares tem se esquivado desse papel, agindo de forma silenciosa, com as situações de desigualdade que acompanham a população negra, entre outros grupos.

Durante vivência realizada no ambiente da pesquisa, foram identificadas inúmeras situações, onde podemos constatar que as crianças negras, não são estimuladas a uma identificação positiva com suas características fenotípicas. Essa não identificação faz parte de um contexto onde elas não encontram um referencial positivo para a construção dessa identidade.

Esse não reconhecimento de si, tem se fortalecido por meio de um padrão midiático que é propagado todos os dias, em que apresentam crianças de pele branca, cabelos lisos, olhos claros. Esse modelo, apesar de não contemplar a grande maioria das crianças que frequentam a escola pesquisada, são comuns neste ambiente, por meios de cartazes informativos fixados nas paredes do prédio escolar.



# XII

ENCONTRO  
MARANHENSE DE  
HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

## *21 a 24 de maio | 2019*

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

Percebemos ainda que, em muitas vezes, as práticas discriminatórias se dá por meio da fala dos docentes que, às vezes de forma inconsciente, tem sido o propagador do preconceito racial. Desse modo, por meio das observações nas salas de aulas, percebemos que no cotidiano desta escola, as relações estão engendradas por práticas racistas, que acontecem principalmente de forma aparentemente silenciosa.

Portanto, percebemos a necessidade de compreender, a partir das falas das professoras, suas percepções sobre as relações étnico-raciais instauradas neste espaço escolar. Diante do questionamento sobre a possibilidade da existência de práticas racistas na escola, as professoras responderam:

*P1: Por partes dos funcionários não, pelos alunos, alguns sim. Muito pouco, mas acontece.*

*P2: “Sim, mas a escola tem contribuído para retificar o racismo*

*P3: “Não”*

*P4: “Sim.”*

Diante da fala das educadoras, foi possível identificar que em suas percepções, o racismo tem se manifestado, principalmente, por meio das relações entre os alunos, em comparação à estabelecida com os docentes ou funcionários que fazem parte da instituição. Percebe-se que, a partir de respostas sucintas, as professoras 3 e 4 não quiseram comentar sobre o assunto, mesmo havendo de nossa parte um incentivo às suas falas. O que nos leva a entender que estas professoras tem optado pelo silêncio, ou que não conseguem fazer leituras sobre as questões étnico-raciais deste espaço.

Como a maioria respondeu que existem essas práticas na escola, foi questionado também, se essas docentes já presenciaram alguma cena de racismo em suas salas de aula, as respostas foram:

*P1: “Em sala de aula sim. Entre os alunos, um xingando o outro, chamando de negro mentiroso, cabelo disso, cabelo daquilo.”*

*P2: “Sim, já. Entre os alunos, sempre tem apelidos com as crianças negras, chamando de cabelo ruim, de negro saliente.”*

*P3: “Entre os alunos sim, o famoso bulling em anos anteriores.”*



# XII

ENCONTRO  
MARANHENSE DE  
HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

## 21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

P4: *Sim, com alunos e comigo também. Infelizmente vindo de uma mãe, com comentários do tipo negro macaco, pretinho da cabeça seca.”*

Frente a isso, todas as professoras, foram unânimes quanto a confirmação dessas práticas racistas nas salas de aulas. No entanto, para elas, o conflito é estabelecido apenas na relação entre as crianças, não reconhecendo os próprios preconceitos.

É recorrente a afirmação de que a manifestação dos conflitos étnico-raciais em sala de aula se materializa entre os alunos por meio de apelidos discriminatórios, pela não-aceitação, por parte dos alunos negros, de seu pertencimento étnico-racial e pela rejeição que sofrem as crianças de pele mais escura (SILVA, p. 163).

Diante da confirmação destas práticas racistas que acontecem na sala de aula. Buscamos verificar, qual tem sido a ação destas professoras nestas situações, ao que respondera:

P1: *“Mostrar, explicar que todos somos iguais em direitos e deveres, independente de cor ou religião e o meio social é só uma conquista.”*

P2: *“É preciso engajar na luta, política para oferecer uma educação às crianças e jovens a não sentirem vergonha e nem sofrer por ter no corpo a pele negra.”*

P3: *“Conversar, mostrando qual a situação do negro no contexto histórico. Explicando que “caráter” não tem nada a ver com cor da pele.”*

P4: *“Chamo a atenção do mesmo, caso contrário, informo a direção da escola para mediar a situação. Não permito preconceito.”*

Por meio das respostas, levantamos hipóteses de que estas docentes, ainda estão em busca, de mostrar e de conscientizar os alunos e a elas mesmas de que todas as pessoas são iguais, independentemente da cor da pele. Em comparação ao vivenciado durante observação, percebemos que essas falas nem sempre encontram ressonância prática. Os professores ainda se calam diante de uma situação de discriminação racial ou, então, adotam atitudes paliativas que não contribuem em nada para mudar esse estado de coisa.

Reafirmamos que o racismo, também parte do professor quando este não apresenta a história dos povos afro-brasileiros, quando opta pelo silêncio ao não confrontar a discriminação racial que surgem em sala de aula.

A ausência de atitude por parte de professores (as) sinaliza a criança discriminada que ela não pode contar com a cooperação de seus/suas educadoras. Por outro lado, para a criança que discrimina, sinaliza que ela pode repetir a sua ação visto que nada foi feito, seu comportamento nem sequer foi criticado (CAVALLEIRO, 2001, p. 146).



# XII

ENCONTRO  
MARANHENSE DE  
HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

## 21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

Percebemos que, os docentes necessitam de uma formação continuada voltada para compreensão destas situações, bem como uma atuação pedagógica que vise a conscientização, a fim de buscar fomentar medidas, que possibilite aos alunos conviver de maneira harmoniosa, distanciando-se das relações racistas que os cerca. Em meio à entrevista, procuramos saber sobre as percepções que as professoras têm sobre o trabalho que a escola realiza com as crianças negras que a frequenta, especificamente sobre a afirmação de sua identidade étnica:

*P1: “Aqui todas as crianças são tratadas com direitos e deveres iguais. A não ser os especiais, que frequentam a sala de recurso.”*

*P2: “Numa primeira etapa do trabalho realizamos estudos sobre a comunidade de que a escola está inserida. Através de conversas sobre comportamento dos alunos no que se reflete a questão racial.”*

*P3: “Não existe um trabalho voltado especificamente para crianças “negras.” Existe sim, um P.P.P (Projeto Político Pedagógico) que envolve todos os alunos, onde está inserido projetos de valorização da pessoa “humana”, independentemente da cor ou credo.”*

*P4: “A escola faz um importante trabalho diminui o preconceito com essas crianças.” Observação: ao ser questionada sobre quais projetos, ela não soube responder e pediu p ir para a outra questão.”*

Ao perguntarmos à professora P4, sobre quais projetos são desenvolvidos em relação ao trabalho realizado pela escola, observou-se que não há trabalhos voltados propriamente para a criança negra, de forma que possibilite atitudes de respeito, e valorização da história da cultura negra, mas sim, projetos que valorizam a todos, e que todas essas crianças são iguais. Como se pode observar uma professora afirmou que há projetos voltados para as crianças negras, mas, ao serem questionadas de como funciona, não souberam responder. Ao serem questionadas sobre como vêem a questão racial no Brasil e se acreditam que o racismo existe.

*P1: “Apesar do Brasil ter mudado muito a respeito do racismo, muitos estudos, debates, grandes trabalhos para que seja abolido, isso ainda não aconteceu. O Brasil é um país ainda muito racista.”*

*P2: Vejo que o racismo existe no Brasil. Mas todo mundo sabe que isso já vem acontecendo desde o início da história do país.”*

*P3: “Com certeza existe, bem explícito.”*

*P4: “Vejo com muita tristeza, pois o racismo existe de verdade.”*



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

Como se vê, todas as profissionais afirmaram existir o racismo. Entre as respostas fornecidas pelas professoras, para definir a questão étnico-racial no Brasil, encontramos elementos que apontam para a compreensão, a partir de suas percepções, que este é um fato que está internalizado na sociedade.

A luta pela superação do racismo ainda presente em nossa sociedade é um imperativo, e uma necessidade moral e uma tarefa política de primeira grandeza. E a educação como tem sido reforçado ao longo deste trabalho, é um dos solos decisivos para que sejamos vitoriosos nesse esforço do caminhar em busca da igualdade.

### **3 CONCLUSÃO**

A sociedade brasileira é repleta de características étnicas na sua formação, perpassando pela identidade e cultura. Assim, compreendemos a escola, como uma das principais instituições responsável por propiciar ao sujeito os conhecimentos e saberes que são considerados como válidos para a vida em sociedade.

Desta forma, buscamos compreender a escola como um importante espaço no processo de afirmação da identidade afro-brasileira para as crianças negras que compõe o corpo discente dessa instituição. No entanto, verificamos que a escola ainda tem muitos obstáculos a serem superado rumo à constituição de si mesma como espaço inclusivo. A maior necessidade é a formação de professores voltada para as questões étnico-raciais.

Deste modo, as análises das relações étnico-raciais na escola, nos chamou atenção para o silêncio que permeia este ambiente, em relação as práticas docentes. Verificamos também, que a formação dos professores, não tem possibilitado um trabalho voltado para a diminuição da discriminação racial e do preconceito.

Portanto, compreende-se que as informações contidas nesta pesquisa podem auxiliar a análise das atuais relações étnicos raciais no ambiente escolar, à medida que oferece um quadro revelador de práticas racistas que ainda estão presente na escola. Nesse sentido, esta investigação apresenta-se aberta a continuidades, oferecendo indagações sobre estratégias discursivas que continuam sendo acionadas, voltadas para a construção político social de um estado que busca a igualdade.



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

### ABSTRACT

In the educational field, the unequal relationship between black and white people is quite present, and their reflexes can be seen when the indices of access, permanence and disapproval of Afro-Brazilian children, adolescents and youths are analyzed. In the face of these situations, building a black identity in a positive way has been a great challenge, becoming, above all, a political act. In this way, this work aims to analyze how the school approaches the Afro-Brazilian identity in the initial years of elementary school, as well as to verify the contribution of the school in the process of combating ethnic-racial inequalities. It also aims to analyze how teachers work teaching Afro-Brazilian history and culture in classrooms. The interest in this subject has its origin, first of all, in my own ethnic-racial belonging, in my school memories, now sharpened by the research. I remember that it was not uncommon to hear from colleagues nicknames based on my phenotypic characteristics. These memories began to emerge when observing the racial inequalities present in the classrooms, found during the stage realized in the initial years of the Elementary School. In this research, we seek to carry out a scientific initiation in the field of ethnography. The techniques used for data collection were observation, followed by field diary records, as well as semi-structured interviews. The research universe was a school of the municipal network of Imperatriz, located in the peripheral region of the city. In this way, the work is structured as follows, introduction, which deals with the construction of the research. The second chapter refers to the historicity of the black population in Brazil and discusses the aspects of black education in Brazil, the education of blacks in Maranhão, and the education of blacks today. The third chapter is composed by the contextualization and development of the research. Thus, this research seeks to understand ethnic-racial relations in the classroom, as well as the school's role in combating racism. It is hoped that this study will contribute to the strengthening of the black identity in the school space.

**Keywords:** School. Identity. Racism.

### REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2005.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Secad/Me, 2004.

CAVALLEIRO, E. **Educação anti-racista**: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, E. (org). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001. P.141-160.

CRUZ, Mariléia dos Santos. **Pluralidade racial em livros didáticos**: uma análise em conteúdos de história brasileira. São Luis: Edufma; Imperatriz: Ética, 2011.



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10639/2003. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, Identidade, Etnicidade e Cidadania**. 27 de setembro de 2012 em 2012 - Relações Raciais (1ª edição), Relações Raciais Disponível em: [www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-KabengeleDIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf](http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-KabengeleDIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf). Acesso em: 20 de set. de 2017.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, alfabetização e diversidade. 2005